



KRAUSZ, Luís S. *O outono dos ipês-rosas*. Recife: Cepe, 2004.

Nem daqui, nem de agora

Mariângela de Andrade Paraizo*

Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte, MG.

mariangelaparaizo@gmail.com

*O que se faz com uma coisa assim,
que nem pode ser lembrada
nem pode ser esquecida?*

(Luís S. Krausz)

O outono dos ipês-rosas, que dá título ao romance de Luís S. Krausz, acontece como um tipo de loucura dessas árvores que, entre tantas, são as que mais emocionam o protagonista solitário.¹ Ainda que as flores dos ipês estejam por toda parte, não é a beleza delas o que mais toca Martin Stieglitz, mas o de surgirem fora de época, fato percebido como um mau presságio. Não por acaso, o título é extraído dessa passagem: a obra nos oferece a descrição minuciosa das perambulações da personagem, principalmente pelas ruas de São Paulo, onde o que Martin vê é filtrado por sua percepção refratária, sempre fora da estação, esperando o que não vem.

A narração se constrói de forma peculiar. Apoiada em um tempo vago: “Naquele ano tinha havido só uns retalhos do verão”,² tempo mais climático que histórico, desenvolve-se em pormenorizadas descrições de bairros, avenidas, casas, prédios e garagens, assim como de culturas, artes, religiões, ideologias e preceitos. Eventualmente, surgem outras personagens, além daquela em que se concentra o foco narrativo, que com ela contracenam sem dividir o protagonismo.

Martin Stieglitz é descendente de imigrantes naturais da Áustria, expulsos pela guerra, e que trouxeram consigo o amor e a admiração à pátria que deixaram: “Mas, sobretudo, Martin Stieglitz herdou de seus antepassados um sonho: pertencer ao mundo alemão”,³ uma Alemanha familiar, “Alemanha do Danúbio”,⁴ como quer o

* Professora aposentada de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Krausz, 2024, p. 165.

² Krausz, 2024, p. 7.

³ Krausz, 2024, p. 111.

⁴ Krausz, 2024, p. 65.



narrador. Enquanto ser austríaco podia ser “um gesto da *vontade*”,⁵ a língua alemã era o passaporte e o solo musical desse império de onde brota sua família e a cultura que ele preza. Também por isso, “Martin Stieglitz gosta de ler o que os jornalistas estrangeiros dizem sobre o Brasil”.⁶

Enquanto tropeça num arremedo de flanar, o protagonista carrega consigo uma Europa ...“particular, invisível, secreta. (...) como uma sombra que ninguém vê”.⁷ “Martin Stieglitz caminha por São Paulo e encontra os pedaços de uma cidade inexistente, que fica num país imaginário”.⁸ A narrativa se empenha em cristalizar essa utopia, enquanto se endereça incessantemente à condição de exílio do homem que perambula por sua trama.

Na tentativa de apresentar essa obra de Krausz, dividida entre a Cidade invisível e a Cidade visível (títulos das duas partes do romance), recorro a Lewis Carroll, que, ao narrar *Algumas aventuras de Sílvia e Bruno*, fala de um “alemão”, proveniente de um mundo à parte (bem ao estilo de Carroll), que conta aos protagonistas como “seu povo” aperfeiçou o sistema de elaborar mapas, fazendo coincidir, milha por milha, a representação e o próprio território. O mapa construído dessa forma nunca fora aberto, porque “os fazendeiros se opuseram”. E Mein Herr conclui: “Por isso, atualmente, usamos o nosso próprio território como mapa do país, e eu lhe asseguro que ele funciona muito bem.”⁹

Se a língua e a cultura alemãs, juntamente com as tradições judaicas, são mapa e território da família de Krausz, ora radicada no Brasil, não é de se espantar que a visita de uma das pouquíssimas personagens brasileiras que aparece na trama, “uma espécie de quintessência da brasiliade”, seja uma experiência singular e cansativa: “exigia tradução”, perdendo-se a “naturalidade”.¹⁰ Entretanto, ao tentar narrar nossos caminhos e desacertos, não somos todos atravessados por essa “questão de vida ou morte”, como adverte Ferreira Gullar, em seu poema “Traduzir-se”?¹¹

Tal percepção é aguçada entre o “povo do Livro”, para quem, em muitos casos, como para o narrador: “É como se tudo que existe no mundo estivesse diretamente ligado

⁵ Krausz, 2024, p. 112 (grifo do autor).

⁶ Krausz, 2024, p. 85

⁷ Krausz, 2024, p. 63.

⁸⁸ Krausz, 2024, p. 210.

⁹ Carroll, 1997. p.214

¹⁰ Krausz, 2024, p. 140.

¹¹ Ferreira Gullar, 1981.



ao texto”.¹² Porque, nunca é demais salientar, o protagonista e sua família são, antes e acima de tudo, judeus. “Até certa altura da vida, Martin Stieglitz acreditava que poderia ser visto como alemão ou suíço ou austriaco”,¹³ até ser interpelado como judeu por um caixa de um banco suíço. O exílio no Brasil, onde Martin nasceu, não foi voluntário, o que incide cruelmente na condição desse luto que nunca cicatriza.

O protagonista tem em sua casa um quartinho onde cria para si um pequeno museu “secreto” e “doméstico”,¹⁴ guardando objetos de seus antepassados que *O outono dos ipês-rosas* expõe em fotografias e notas de rodapé que tentam ancorar sua própria descrição, e, ainda assim, texto e imagens, texto e subtextos deslizam diante do leitor, nunca coincidindo ponto por ponto como o mapa de Mein Herr, assim como a multiplicidade de palavras replicadas em diferentes idiomas insiste em não encapar o conceito ou o objeto designado. Na visão do narrador, coleções desse tipo compartilham a errância de seus donos, formam um “antimuseu”¹⁵ expondo a insistente questão: “qual é o lugar dos judeus?”¹⁶

Toda a trama que se estende pelas 425 páginas desta obra sofre dessa fissura irreparável que, em última instância, atravessa todo ser falante, imerso na linguagem e dela separado por sua própria estrutura, cicatriz ostentada pelo texto de Krausz. Assim, vamos encerrar esta resenha invocando outro escritor que se considerava um “europeu no exílio”, o argentino Jorge Luis Borges que, grande leitor de Carroll, nos oferece um mapa aberto em outro território ficcional, com o qual coincidia pontualmente. Este mapa foi abandonado: “En los desiertos del Oeste perduran despedazadas Ruinas del Mapa, habitadas por Animales y por Mendigos”.¹⁷ Cabe destacar que, enquanto for visitado, ou enquanto encontrar eco em algum leitor, o texto, como um mapa, portará um percurso e, principalmente, os caminhos por vir, para o leitor e para personagens que, tal qual o protagonista, dão a impressão “... de que ele não é daqui e de que ele não é de agora”,¹⁸ mas que podem se encontrar, ombro a ombro, no mesmo elevador.

Referências

¹² Krausz, 2024, p. 96.

¹³ Krausz, 2024, p. 22.

¹⁴ Krausz, 2024, p. 107.

¹⁵ Krausz, 2024, p. 415.

¹⁶ Krausz, 2024, p. 416.

¹⁷ Borges, 1989.

¹⁸ Borges, 1989, p. 225.

BORGES, Jorge Luis. "Del rigor en la ciencia". In: *El Hacedor* (1960), *Obras Completas*, v. 2. Buenos Aires: María Kodama y Emecé Editores S.A, 1989.

CARROLL, Lewis. *Algumas aventuras de Silvia e Bruno*. Trad. Sérgio Medeiros. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 1997.

FERREIRA GULLAR, *Na vertigem do dia* (1975-1980) In: *Toda poesia* (1950-1980). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

KRAUSZ, Luís S. *O outono dos ipês-rosas*. Recife: Cepe, 2004.

Enviado em: 30/09/2024

Aprovado em: 15/11/2024